

A presença do padre João Antonio em Acopiara

Por JB Serra e Gurgel

A história do interior do Ceará está muito ligada ao que Igreja Católica Apostólica Romana fez, deixou de fazer e impediu que fizessem. Uma olhada sobre o papel da Arquidiocese de Fortaleza e das dioceses do Crato e Sobral, mais atrás, e das dioceses de Limoeiro do Norte, Iguatu, Itapipoca, Tianguá, Crateús e Quixadá, nos dá a dimensão das ações desenvolvidas pelos arcebispos e bispos, em seus territórios apostólicos. O mesmo se pode afirmar sobre os padres que foram ícones em suas paróquias. Padre Cícero Romão Batista é o maior exemplo. De um lado, pela propagação apaixonada da fé, pelas festas de padroeiros e padroeiras, missões, crismas pela busca de identificação com as esperanças que a fé embasa e a religião proclama, pela cor política, pelo engajamento com as classes dominantes, no passado, pela adesão aos deserdados, na trajetória que inspirou a Teologia da Libertação, no presente.

Na minha Acopiara não foi diferente, um padre teve um papel relevante no nosso lento desenvolvimento econômico, político e social. O padre João Antonio de Araújo nasceu em 06.05.1906 e faleceu 09.09.1991, aos 85 anos. Foi o 3º vigário de Lages e o 1º, Acopiara, de 11.07.1933 a 15.10.1959, por 26 anos. Fez o desmembramento da paróquia de Telha, depois Iguatu. Tomou a iniciativa de demolir a velha capela e iniciar, em 1936, a construção da Igreja de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, projeto de Agostinho Balmês Odisio, de Juazeiro do Norte, com uma abóbada artisticamente pintada, (mais tarde detonada), inaugurada em 13.07.1941. Demoliu a velha casa paroquial que abrigou os padres Leopoldo Rolim e Joaquim Alves de Oliveira e construir outra, a atual, inaugurada por dom Francisco de Assis Pires, 1º bispo do Crato, em 10.01.1948, tendo sido ele o 1º padre por ele ordenado.

A visão que guardo dele vai até meus 15 anos, do meu batismo por ele presidido nos idos de 1943 à minha migração para o Crato em 1953 e depois Fortaleza em 1957. Uma visão de menino quando ele tinha 52 anos, estava no esplendor do seu sacerdócio.

A visão posterior foi colhida por depoimentos de familiares e amigos.

Meu tio, dom Newton Holanda, bispo emérito do Crato, recorda sua obsessão pela escola. Padre João Antonio um dia lhe disse: “Quando cheguei á Acopiara, não havia uma só professora formada. O estudo era particular. Os pais pagavam”. Coube-lhe estimular as primeiras professoras Lídia Gurgel Valente, Cecília Bernardes, Iolanda Alves, Neném Nogueira, Elodia Tavares, Maria Eliza Mendonça acolher crianças em suas casas para ensinar o beabá, abrir o primeiro Grupo Escolar que hoje leva o seu nome, no qual fui alfabetizado por d. Cecilia Bernardes, e inaugurar o primeiro ginásio. Dava-se ao luxo de procurar escritores e educadores, em Fortaleza, e convida-los para que viessem a Acopiara para falar de educação.

Apaixonado pela liturgia sacramental, toda ela em latim ou grego, celebrava a missa em latim para uma população que mal falava o português, traduzia e interpretava o Evangelho para os

tempos em que vivíamos. Tinha uma visão messiânica da religião católica e não transigia com outras religiões, credos e cultos. Chamava os protestantes de “bodes” e conta a lenda que convocou Luis Martins, católico fervoroso, para irritar e provocar os “bodes” que se reuniam no culto, no alto da estação da RVC, munido de chocalhos, gerando, segundo Auriberto Medeiros Gurgel, um dito popular em Acopiara: “enjoou mais do que Luis Martins dos chocalhos”.

Nas festas da padroeira, N. S.do Perpétuo Socorro e do padroeiro, São Sebastião, nas procissões, no fincamento do pau da bandeira com banda de música e rojões, nas quermesses, nas visitas episcopais de crismas, feitas pelo bispo do Crato, no catecismo dominical, nos sermões estava sempre serelepe, elétrico, agitado. Seu brado de guerra: “vamos” chamavam todos a participar.

Alguns se atemorizavam com seus carões, fossem privados ou em público. Com o confessor à sua disposição, conhecia os pecados, a índole, grandezas e misérias de toda a comunidade. É certo que guardava o segredo da confissão, mas rasgava o verbo. Era seu estilo. Assisti alguns casamentos em que os noivos torciam para que a cerimônia acabasse logo, temendo algum puxão de orelha. As cerimônias fúnebres e os batizados eram igualmente breves.

Tinha suas preferências políticas. Tornou-se confessor e confidente do prefeito Celso de Oliveira Castro, que dominou politicamente o município por mais de meio século, como prefeito de 22 a 30, de 35 a 45, de 46 a 47, 48 a 51 e como oráculo até seus últimos dias, por seu carisma. Os dois eram pessedistas ostensivos. Padre Jantonio – como chamávamos – inspirava temor entre seus adversários políticos, os udenistas. Isto dificultou um pouco sua missão, já que seus adversários tinham queixas e não podiam expressá-las ao bispo. Vivenciei isso na própria família, já que os Gurgel eram pessedistas e os Serra/Marques/Albuquerque, udenistas. É famoso o abatimento de d. Ulcerzina Holanda Marques, mulher de Zé Marques, a quem fazia repreensões públicas.

Tio Newton observa porém que apesar de seu temperamento forte tinha a virtude de não tomar decisões unilaterais, sabia ouvir e procurava ouvir todos os lados. Recordo outra qualidade excepcional: a memória privilegiada. Afirma, sem exagero, que conhecia pelo nome todos os seus paroquianos e a história particular (e secreta) de cada pessoa e de sua família. Nas grandes aglomerações, como Natal, festa da Padroeira, erguia os olhos, encarando cada um, dizia: “vosmecê não é daqui” logo que deparava alguém estranho, e acrescentava “o pastor conhece as suas ovelhas”. Não usava agenda, guardava tudo na cabeça: intenções de missas, viagens, casamentos e demais compromissos. No máximo, tomava apontamentos em retalhos de papel e o restante sabia de cor.

Não gostava que jogássemos bola, fosse de borracha, couro ou pano, perto da casa paroquial, antes do calçamento. Sempre com uma chave na mão, pronta para bater na cabeça na criançada, não com força, e chamando todo mundo de “Major”, ficava de olho no jogo e na bola, especialmente de borracha ou couro. Se um chute levasse a bola em sua direção, acabava o jogo, segurava-a, levava-a para sua casa e não devolvia. Se a bola não o

procurasse, corria atrás dela, para acabar com o jogo. Para nós, crianças, era um transtorno. Não se sabe o que fazia com as bolas, jamais devolvidas.

Nas noites de Acopiara, antes da cidade adormecer, ficava na calçada, preferencialmente nas do seu Celso, de seu Zezinho da Malhada, de meu avô, Chico Henrique, dr. Candido Couto. A roda se ampliava com muitas pessoas . Jamais o vi na calçada de Tio Cazuzinha, José Marques Filho, Antonio do Cedro, Azarias e Ezequiel.

Zeloso por valores e virtudes, de comportamentos e ética, acompanhava o catecismo dominical e saia perguntando a cada menino e menina se tinha assistido à missa de domingo. Fiscalizava o namoro em frente da Matriz, as atitudes descontroladas das mulheres casadas, a bebedeira dos homens casados e solteiros, e se metia a defensor da moral pública e privada, condenando os cabarés que despontavam no Rabo da Gata e no Colchete, com Guiomar, Raimundinha, Lucia e Esmeralda, vindas ao que se sabe , do Icó e do Cedro. Para sua desventura maior, um ex-seminarista no Crato, Luiz Guilherme, acabou por implantar um motel onde militavam as “mulheres de vida fácil”,

Padre João Antonio não admitia que as mulheres usassem calças compridas, vestido apertado ou decotado, saia justa, manga cavada ou sem manga. Eram proibidas de entrar na Igreja. Espalhava até cartazes na igreja com a proibição. Fazia sermões. Também não podiam aparecer de cabelo à la homem. Mas encontrou uma desafiadora, d. Alacoque Medeiros, que não temia sua ira e sua indignação. Da mesma forma não permitia que pelo serviço de alto falantes VPS, Virgem Perpetuo Socorro, fossem tocadas musicas de Luiz Gonzaga, tais como Carolina, Cintura fina, cintura de pilão, Mandacaru (ela só quer so pensa em namorar).

Vivendo modestamente, de forma espartana, foi um homem digno e pobre, um fiel soldado de Cristo, sem luxos e vaidades, levado por suas emoções vividas com intensidade. Tinha carisma, mas provocava mais medo e temor do que respeito e afeto. Era a sombra de uma cidade tranqüila, o contraponto do amor e do ódio.

No final da década de 60, um abaixo assinado, liderado por João Holanda, foi enviado ao bispo do Crato, pedindo sua remoção, mas ele se antecipou e fez chegar a dom Francisco de Assis Pires a sua carta renúncia. Dali em diante não aceitou mais nenhuma função paroquial. Manteve todavia o seu estado de espírito jovial e comunicativo pelo restante de sua vida.

Sua última vontade foi atendida: morreu no Crato mas foi enterrado em Acopiara na Igreja que construiu e inaugurou.

JB Serra e Gurgel é jornalista e escritor, (de Acopiara)